

“A GUERRA DOS CARNEIROS GAYS”: A (RE)CONSTRUÇÃO DO FANTASMA DA EUGENIA SEXUAL NO DISCURSO MIDIÁTICO

Branca Falabella Fabrício
(UFRJ)
Luiz Paulo da Moita Lopes
(UFRJ)

RESUMO

A emergência pública da identidade e cultura gay tem gerado um intenso debate sobre as sexualidades na mídia, que tradicionalmente se pauta por uma abordagem fisicalista, localizando o desejo sexual e sua expressão na biologia de nossos corpos. Ao problematizar tal visão, deslocando-a para o domínio sócio-discursivo, desejamos colaborar para o *design* de um horizonte futuro no qual as sexualidades não sejam aprisionadas pelo binômio homo/ hetero nem tampouco por abordagens fisiológicas. É justamente a possibilidade de produção de novos sentidos que nos leva a examinar práticas discursivas na mídia através da proposta de articulação de ações desconstrutivistas (em práticas discursivas hegemônicas) e positivas (em práticas discursivas inovadoras) em Análise Positiva do Discurso (MARTIN, 2004). Associando tais ações à Teoria dos Posicionamentos (DAVIES; HARRÉ, 1999) e a categorias da Sociolinguística Interacional (TANNEN; WALLAT, 1987/1998), focalizamos um artigo sobre “carneiros gays”, publicado em um jornal de grande circulação no país. A análise mostra que, ao entrecruzar várias vozes, abrindo espaço para diferentes perspectivas, a matéria se posiciona de forma ambígua em relação ao paradigma biológico; deixa, portanto, uma brecha para a problematização do reducionismo de tal abordagem, o que configura a possibilidade de inaugurar significados inovadores sobre a sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso Midiático, Sexualidade, Análise Positiva do Discurso

1. A sexualidade regulada

O trabalho genealógico de Foucault sobre a sexualidade nos ajudou a compreendê-la como um sentido complexo, historicamente constituído e projetado sobre os corpos no séc. XIX. Tal perspectiva mostrou como a categoria “sexualidade” surge para diferenciar, identificar e classificar espécies distintas de pessoas: os que têm o desejo programado para o sexo oposto – padrão associado à normalidade e à ordem – e os que, trazendo uma “androgínia interior”, possuem um desejo anômalo e desordenado, voltado para o mesmo sexo, fruto de um “hermafroditismo da alma” (cf. FOUCAULT, 1988/2001, p. 43-44). Desde o século retrasado, por conseguinte, a idéia de sexualidade vem sendo construída pelo dualismo hetero-homo, que a reduz a uma questão de instinto (padrão ou pervertido) advindo de marcas anátomo-fisiológicas e funções biológicas específicas. Mito fundante monocromático, tal matriz discursiva binária vem regulando nossas ações corpóreas, relações sociais, e formas de vida em espaços não-institucionais e institucionais.

Dentre esses contextos, a mídia, em geral, e brasileira, em particular, tem sido testemunha da manutenção do binômio fiscalista acima mencionado, participando ativamente da construção desta ordem sem matizes ao mesmo tempo em que é por ela também constituída. Entretanto, mais contemporaneamente, com a proliferação e rápida circulação de discursos e com a tendência de destradicionalização e ressignificação das usuais instâncias ancoradoras de regras (nação, religião, e família, por exemplo), a mídia tem acolhido outros discursos que movimentam e reorganizam a malha de sentidos dominantes. Temas até pouco tempo banidos das pautas editoriais de revistas, jornais e programas televisivos – entre eles, a sexualidade – ganham agora destaque, vieses interpretativos variados e ampla cobertura em diferentes canais midiáticos, configurando um campo fértil para amálgamas e reconstruções inéditas.

É justamente no potencial de reorganização semântico dessa arena que jaz o interesse do presente artigo cujo foco central é a emergência pública da identidade e cultura gay, geradora de um intenso debate sobre as sexualidades na mídia. Concentrando-se em um momento específico dessa discussão – uma publicação jornalística acerca da sexualidade de animais – explora-se a possibilidade de (re)construção de

outras narrativas sobre a sexualidade que estremeçam o binarismo ossificado acima referido. O que permite tal ângulo investigativo é o exame de práticas discursivas por meio da articulação de ações desconstrutivistas em Análise Crítica do Discurso e a perspectiva da chamada Análise Positiva do Discurso (MARTIN, 2004). A primeira investe na compreensão de práticas discursivas hegemônicas e das relações de poder nelas implicadas; a outra explora a possibilidade de construção de novas narrativas que redescrevam a vida social.

2. A sexualidade revisitada

Múltiplos modos de práticas sexuais e a tematização pública da sexualidade – no mundo e no Brasil – ganharam visibilidade e reconhecimento, sem precedentes, com o avanço da AIDS, malgrado o rastro de sofrimento, violência e discriminação que a doença impingiu e ainda impinge a muitos (CARRARA; SIMÕES, 2007). Segundo Heilborn (1996), este aspecto, associado à acelerada liberalização dos costumes, à publicização de identidades sexuais alternativas e às influências que políticas de identidade norte-americana exercem sobre grupos ativistas variados no contexto brasileiro, tem colocado a questão sexual em foco no país nas três últimas décadas.

Também ganhou vulto nesse contexto uma compreensão das sexualidades que refuta tanto o determinismo biológico quanto a existência de marcas sociais fixas e imutáveis. A identidade passa a ser vista não como um conjunto de atributos genéticos e permanentes do sujeito, mas sim como uma variedade de características discursiva e socioculturalmente construídas que classificam o sujeito de acordo com diferentes indicadores de sexualidade, de gênero, de raça, de classe, de idade etc. Eixos imbricados, estes sentidos compõem um tecido semântico que, ao orientar formas de vida, sociabilidades, atribuição de valores e mecanismos de hierarquização, modula os corpos e os sentidos de “eu” e de “outros”.

Esta perspectiva, chamada de socioconstrucionista (MOITA LOPES, 2003), sustenta que as identidades sociais não possuem caráter essencial, sendo produto de intenso processo de aprendizagem de significados disponibilizados na cultura. Neste sentido, nenhum atributo identitário seria inato, mas sim o resultado da incorporação de regras e roteiros legitimados no interior de práticas discursivas e das narrativas nas quais estamos imersos.

Dentre os atributos identitários, a identidade sexual, nos mostrou Foucault, tem sido considerada como a marca essencial que traz a verdade do sujeito. Os discursos, narrativas e histórias dominantes a constroem por lentes biologizantes, segundo as quais a sexualidade é derivada de uma estrutura genético-cerebral que a determina e da qual o sujeito não consegue escapar.

3. Profusão de discursos contemporâneos: possibilidades analíticas

Como analisar a convivência de persistências e rupturas? Como detectar movimentos em meio a estabilidades e hegemonias? Encontramos na articulação de tradições analíticas distintas um caminho possível. No que se segue, entrelaçamos perspectivas da Análise Crítica do Discurso (ACD), da Análise Positiva do Discurso (APD), da Sociolinguística Interacional (SI) e da Teoria dos Posicionamentos (TP).

3.1 Tendências desconstrutivistas e construtivistas em perspectivas de análise crítica

A preocupação geral da ACD tem sido o estudo da relação entre práticas discursivas e a “produção, sustentação e mudança de relações sociais de poder” (FAIRCLOUGH, 1989, p.1). Este interesse, que a leva a investir no trabalho ideológico da linguagem, advém de uma série de premissas cujo encadeamento lógico-teórico justifica seus procedimentos metodológicos: 1) a linguagem é uma prática social, um modo semiótico de agir na sociedade; 2) as ações discursivas e a organização social se retro-alimentam e se constituem mutuamente; 3) tal dinâmica pode contribuir tanto para a construção e manutenção quanto para a reformulação da ordem social, crenças, valores, verdades, repertórios de significados, sociabilidades e identidades sociais – todos entendidos como sistemas discursivos potencialmente abertos; 4) estes sistemas são entrelaçados e perpassados por relações de poder; 5) as relações de poder respondem a um trabalho ideológico a serviço do interesse de grupos dominantes; 6) os sentidos hegemônicos presentes em diferentes textos estão ligados a uma cadeia de textos historicamente situados que sustentam as ideologias vigentes; 7) o trabalho do analista crítico pode detectar e revelar estes processos de estabilização e dominação, proporcionando a emancipação dos atores sociais e contribuindo para

modificação de estruturas sociais opressoras.

Esses princípios gerais são operacionalizados metodologicamente por meio de uma perspectiva analítica tridimensional. A primeira, a dimensão textual, investiga o processo de tessitura e estruturação do texto, com foco nas escolhas léxico-gramaticais nele presentes e no seu sistema de coesão. A descrição desta base textual leva à segunda dimensão, a da prática discursiva, voltada para a produção, circulação e consumo do texto e preocupada com os aspectos de coerência, intertextualidade e interdiscursividade que participam do processo interpretativo. São estes dois níveis que permitem a análise da terceira dimensão, a da prática social: privilegiando a dinâmica dizer-fazer, criam entendimento sobre as ações sociais engendradas pelo uso da linguagem em seu diálogo com uma matriz social mais ampla, relação que pode ser mais normativa e convencional ou criativa e inovadora.

Este breve resumo mostra que a ACD pode operar tanto um movimento desconstrutivista, concentrando-se na análise de textos que reificam discursos dominantes, ou construtivista, investigando textos produtores de contra-discursos que desafiem sentidos estabelecidos. O primeiro levaria a um investimento na observação do exercício interessado do poder em contextos de desigualdade e de marcada assimetria. A centralidade da análise consistiria no desmascaramento da operação ideológica que distorce a realidade, com ganhos para a emancipação de usuários ingênuos, não-críticos, da linguagem. Martin (2004), entretanto, faz uma crítica a esse movimento de desocultação de sentidos opacos, pois ele incorreria na "falácia dos arquivos X" (*Ibidem*, p.182) ao almejar desvendar a verdade/segredo do texto que só o analista crítico conseguiria ver de forma transparente e cristalina. Ao nosso ver, esta ressalva, de teor epistemológico, tem lastro tanto na percepção de que o discurso do analista não é neutro, sendo ele tão ideológico quanto o discurso "revelado", como na compreensão de que admitir um "real distorcido" sugere a pressuposição de um único "real verdadeiro", que possa ser representado da maneira correta (MOITA LOPES, 2003). Neste caso, a função do discurso seria representá-lo fielmente, perspectiva correspondentista que entra em choque com a idéia de linguagem como ação e prática social respaldada pela própria ACD. Cremos que esta inconsistência seria responsável, em parte, por levar o autor a privilegiar o segundo movimento logo acima aludido – e por ele nomeado Análise Positiva do Discurso– pois ele buscaria formas alternativas

de organização social, sublinhando a relação entre ação discursiva e (re)configuração de ambientes. Segundo o autor, a orientação para as ações construtivistas, perspectiva complementar à desconstrução, tem sido pouco explorada pela ACD, o que consistiria em um quase paradoxo. Sendo a ACD uma área de teorização e pesquisa de caráter explicitamente intervencionista, seria vital que ela investisse com maior ênfase na produção de compreensões sobre práticas com potencial de transformação e na observação, descrição e explicação de como a mudança ocorre. Seria em tais nichos de sentidos moventes que poderíamos buscar inspiração para o planejamento de futuros sociais alternativos, questão central na ACD, uma vez que a desconstrução que empreende sobre práticas hegemônicas almeja, em última análise, construir um mundo em que outros discursos sejam possíveis.

Encontramos nas noções de *enquadre* e *estruturas de expectativas* (TANNEN; WALLAT, 1987/1998), utilizadas na Sociolinguística Interacional, e na associação feita por Gravuseva (1995) desses conceitos ao de posicionamento (DAVIES; HARRÉ, 1999) um caminho possível para detectar práticas discursivas cambiantes em um texto midiático.

3.2 (Re)enquadramento e produção de inteligibilidade sobre a experiência

Os estudos sobre os enquadres da psicologia cognitiva (por exemplo, RUMELHART, 1975) argumentam que fatos em si não têm significado, a não ser que estejam embutidos em enquadres de referência ou enredos que os organize e lhes atribua coerência.

Tal perspectiva, criticada por sua abordagem um tanto estática do processo de interpretação, foi re-trabalhada por autores de variadas áreas do conhecimento, que lhe atribuíram um caráter mais dinâmico. Dentre eles, Tannen; Wallat (1987/1998) a re-elaboraram, produzindo uma diferenciação entre *enquadre* e *estrutura de expectativas*. Este último diz respeito ao conjunto de experiências prévias que nos permite criar expectativas sobre qualquer evento ou prática social mesmo antes que delas participemos. O primeiro, parte integrante do movimento interpretativo, entraria em jogo durante a interação, permitindo-nos a localização e a atribuição de sentidos ao que está acontecendo no momento-a-momento de nossas ações linguísticas intersubjetivas. Assim, para compreendermos qualquer texto (oral ou escrito)¹ devemos saber

dentro de qual enquadre ele está operando, por exemplo, insulto, ironia, aquiescência ou desafio. E para fazê-lo, buscamos apoio em nossas experiências prévias (lingüísticas e não-lingüísticas) como usuários da linguagem. Em interação, usuários da linguagem, o tempo todo, negociam expectativas e enquadres, mantendo-os ou revisando-os, em um processo contínuo de ajuste. Isto quer dizer que os processos de produção e interpretação de sentidos são processos interacionais, relacionais e interesubjetivos, que não ocorrem isoladamente na mente de indivíduos, sendo afetados por um conjunto de fatores contextuais: quem produz o texto (oral ou escrito), para quem, quando, onde, como, se apoiando em quais discursos e conhecimentos. Na prática de produção escrita, um dos participantes, o escritor, interage com um interlocutor projetado. Diferentemente, no processo de leitura é o leitor que, ao interagir com o texto, dialoga com o escritor a partir das marcas e pistas por ele deixadas. Comum a esses momentos comunicativos, o jogo articulado de estruturas de expectativas e (re)enquadres nos auxilia a projetar sentidos sobre nossas ações, sem o que elas nada significariam.

É justamente este ângulo da dinamicidade que pode complementar a ACD, ao propiciar uma forma de focalizar significados em construção, no próprio fluxo da interação. Se associado ao construto de posicionamento, podemos sublinhar o movimento da perspectiva das posições sociais co-construídas pelos interagentes nos processos comunicacionais e ter, assim, uma possibilidade de análise da questão identitária compatível com a ótica socioconstrucionista abordada na seção 2.

3.3. Posicionamentos discursivos no momento a momento dos processos interacionais

Posicionamento é um conceito interacional que nos ajuda a compreender a fluidez envolvida nos movimentos intersubjetivos cambiantes articuladores do processo de constituição do que chamamos de "eu". Davies e Harré (1990), utilizando-se de uma imagem de localização no espaço, constroem a idéia de que os processos discursivos implicam a localização mútua dos participantes na conversa, i.e., a construção intersubjetiva de *selves* orientada por enredos produzidos cooperativamente. Isto quer dizer que a dinâmica dos posicionamentos envolve um conjunto de referências socioculturais (as estruturas de expectativas) que permitem a atribuição de um lugar aos interagentes ao longo da

interação. A negociação de enquadres está associada à negociação de posicionamentos, e vice-versa, o que lança luz sobre o processo altamente dinâmico de constituição de atributos identitários. Por conseguinte, a produção e ordenação de posições no espaço conversacional, sendo co-produzidas, não são fixas e sofrem mudanças ao longo do processo comunicativo, abordagem que problematiza uma compreensão estática das identidades sociais. Segundo Gravuseva (1995), o conceito de posicionamento dá visibilidade ao processo discursivo relacional de constituição das identidades sociais. Quando articulado à noção de enquadre pode iluminar a dinâmica de co-construção de formas de ser e de (inter)agir socialmente, permitindo a observação da feição “cinética” dos processos de criação de sentidos para si, para os outros, para as coisas, para os eventos etc.

Embora este aparato conceitual tenha sido concebido e operacionalizado na construção de compreensão acerca de interações orais, é nosso juízo que ele também pode ser utilizado na descrição e explicação de contextos comunicacionais que envolvam o discurso escrito.

4. O evento comunicativo “A guerra dos carneiros gays”

O texto foi publicado na *Revista O Globo*, que circula aos domingos como suplemento do jornal de mesmo nome. Publicação que focaliza aspectos variados da vida sociocultural no país e no mundo, contém um leque de colunas e seções que trazem matérias sobre comportamento, moda, beleza, consumo, decoração, saúde, alimentação, resolução de problemas cotidianos, aconselhamento, teatro, celebridades, desenvolvimentos científicos, acontecimentos locais e internacionais etc. Em razão da amplitude de temas abordados em poucas páginas (entre 50-80), cuja resolução visual incorpora um número grande de imagens, além de propagandas, os assuntos são tratados de forma breve, sem maior profundidade. Voltada, sobretudo, para um público carioca e feminino (na compreensão do senso comum), de classe média e alta, a revista pode ser considerada mais como um exemplar do gênero “leitura de entretenimento”, com pinceladas panorâmicas de informação, do que como meio de reflexão sobre a vida sociocultural do país – o que faz com que ela coloque em circulação, de forma a-crítica, uma pluralidade de discursos em voga. Dentro desta proposta, inclui

em sua pauta tanto temas do “centro” como também “marginais”, mesclando discursos pertinentes à elite Rio-São Paulo e reportagens sobre a periferia e sobre formas de vida alternativas, fora da norma². Apesar do tratamento um tanto convencional e superficial dessas questões, é fato que a revista tem acolhido, mesmo que de forma bastante discreta, a multiplicidade da vida social e o respeito à diversidade.

É neste movimento que enquadramos o tema da sexualidade, que costuma comparecer em diferentes números da publicação³, quer como reportagem de capa quer como conteúdo de uma das matérias que a compõem. Embora o “debate” acerca da sexualidade tenda a ser construído em torno de um reducionismo biológico e das descobertas de pesquisas genéticas – reificando o ponto de vista dominante em vários momentos da cobertura midiática do assunto –, por vezes, ele faz circular discursos menos calcificados. Insere-se neste panorama o texto abordado no presente trabalho intitulado “A guerra dos carneiros gays: estudo sobre a sexualidade de animais faz ressurgir o fantasma da eugenia entre humanos e gera polêmica sobre o papel da imprensa”.

As considerações acima, que focalizam o artigo em questão pela dimensão da prática discursiva, dizem respeito ao processo de circulação do texto, delineando as características da revista que o divulga e seu público alvo. Dando continuidade a essa dimensão, agora olhando para o processo de produção, vemos que o autor da matéria é John Schwartz, que a assina como jornalista do periódico americano *New York Times*, ou seja, um autor localizado no mesmo espaço cultural das notícias científicas que anuncia: os Estados Unidos. O leitor não tem informações sobre quem traduziu a matéria (publicada nos EUA em 25/02/2007 no *New York Times*, www.nytimes.com/2007/01/25/science). Cabe esclarecer que, embora tenhamos tido acesso ao original publicado em inglês, nossa análise não enfatiza a comparação entre ele e a respectiva tradução para o português. Nosso propósito precípua é enfocar a prática discursiva que este texto, selecionado para integrar uma revista brasileira de grande circulação, promove.

4.1 Focos ambivalentes

É nossa interpretação que o artigo em foco, publicado em 4.2.2007 na seção *Ciência e Vida* da *Revista O Globo*, figura no contexto brasileiro como curiosidade sobre o mundo animal (tendência evidenciada por outras matérias publicadas nessa mesma seção⁴) apesar dos signi-

ficados relativos à “seriedade” do mundo da ciência que o título da seção evoca. Entretanto, deve ser enfatizado que a discussão sobre ética na imprensa e, especialmente, sobre a divulgação de resultados de investigações científicas (debate presente nos dois contextos culturais) também enquadra a matéria, cuja novidade diz respeito a três pontos imbricados, já indiciados em seu título e subtítulo: a) o fato de 8% dos carneiros terem orientação sexual para outros carneiros machos; b) o fato de um estudo científico ter descoberto a causa de tal comportamento; e c) a polêmica causada pela divulgação do estudo. O foco do artigo é ambíguo, oscilando entre a homossexualidade dos carneiros e a polêmica na mídia (itens “a” e “c”). Tal movimento enquadra a matéria de forma específica. Podemos percebê-la, dando início à análise da dimensão textual; começamos pela abordagem de título e subtítulo, pois sempre condensam uma constelação de discursos, sentidos e valores (MACGILCHRIST, 2007). Observemos, então, parte do processo de seleção lexical e visual neles presentes e os enquadres interpretativos que sugerem.

O título tem uma fonte bem maior que o subtítulo, dando destaque a “carneiros gays” pela utilização da cor vermelha. O emprego do substantivo “guerra” e a ênfase atribuída a “carneiros gays”, além do tamanho da fonte do título em relação à do subtítulo, já sinalizam a seleção de recursos criadores de um conjunto de expectativas que convidam o leitor à localização convencional do texto no que diz respeito aos enquadres prevalentes na mídia com relação à sexualidade, por exemplo, enquadre jocoso (composto por piadas, ironias e subtextos); enquadre científico (geralmente incluindo as idéias de cérebro sexuado e do determinismo genético da sexualidade) ou enquadre religioso (trazendo discursos sobre a homossexualidade como distorção da natureza ou desvio moral). Este tipo de articulação de enquadres dominantes é considerado por Macgilchrist (2007) como uma estratégia para chamar a atenção do leitor. Entretanto, o subtítulo, logo a seguir, parece propor um re-enquadramento em uma direção mais crítica, dando destaque a aspectos éticos da questão: os efeitos (o da eugenia sexual, por exemplo) da divulgação apressada de notícias pela imprensa, sem medir suas possíveis conseqüências.

Esta dinâmica entre figura e fundo, conduzindo o olhar do interlocutor concomitantemente para campos ambivalentes e construindo focos diferenciados (fenômeno aludido por Bateson 1998/1972

pelo termo *duplo vínculo*), promove um movimento de re-enquadramentos e re-posicionamentos que, presentes na manchete, têm continuação no desenvolvimento do texto. cremos que é justamente este espaço de orientações paradoxais que pode ser explorado como local de abertura para mudanças e redefinições.

4.2 O jogo de (re)enquadres e (re)posicionamentos

É nosso juízo que o aspecto cambiante do artigo é fruto, em parte, da população textual mobilizada (TALBOT, 1996), associada às vozes dos atores sociais que ela faz circular e aos movimentos avaliativos propiciados por certas escolhas lexicais. Observemos, então este processo seletivo e os efeitos de sentido que podem propiciar.

Um conjunto de atores figura logo no primeiro parágrafo: Charles Roselli, a imprensa, o universo dos blogs e os carneiros, como podemos observar nas linhas 01 a 06:

1 Charles Roselli conseguiu descobrir por que alguns carneiros são gays. Foi então que a
2 imprensa e a "blogosfera" se apossaram da história. O pesquisador da Universidade de Saúde e
3 Ciência de Oregon se dedicou, ao longo dos últimos cinco anos, a estudar os fatores fisiológicos
4 que poderiam explicar por que 8% dos carneiros buscam sexo exclusivamente com outros
5 machos e não com ovelhas. O objetivo, ele afirma, é entender os mecanismos fundamentais da
6 orientação sexual em carneiros. A continuidade dos estudos pode levar, no futuro, à identificação
de quais animais seriam ideais para a procriação.

Esse início da reportagem – trazendo um parágrafo que cumpre a função da orientação⁵ na narrativa – sugere um enquadre de distanciamento e imparcialidade ao apresentar o tema geral da história e seus personagens principais: um cientista, a imprensa e os carneiros. Contribuem para esta sinalização o uso do pretérito perfeito e do discurso indireto, que, sugerindo um afastamento temporal, favoreceriam uma leitura mais reflexiva da notícia. Da mesma forma, o modo de caracterização da população textual, ao enfatizar as ações dos envolvidos, em detrimento de definições, sublinha este movimento. O pesquisador Charles Roselli é caracterizado principalmente por sua prática científica ("conseguiu descobrir", "se dedicou a estudar", "entender" e "continuidade dos estudos"). Este tipo de caracterização funcional (cf.

VAN LEEUWEN, 1996) constrói os atores sociais em termos de suas atividades, tendo prosseguimento na construção da mídia, que, personificada pelo substantivo “imprensa” e pelo neologismo “blogosfera”, é apresentada como “dona” da notícia. A personificação, com o uso do pronome definido “a” (linhas 01 e 02), constrói aqui um sentido de coletivização, generalizando a prática de “se apossar de histórias alheias”, efeito que, convida a um posicionamento mais crítico do leitor.

Entretanto, há um enquadre concorrente em jogo, que aciona discursos do senso-comum, comprometidos que estão com uma visão essencializada das sexualidades, posicionando o leitor como consumidor a-crítico de textos. Ele se realiza na caracterização dos carneiros: também personificados, são definidos pelo recurso da identificação (i.e. pelo que são) e classificados pela sua orientação sexual. Além disso, a equiparação estabelecida entre a sexualidade no mundo animal e a sexualidade humana, evocada pelo emprego do adjetivo “gay”, parece respaldar a idéia de uma sexualidade desligada de práticas discursivas, socioculturais e históricas, abordagem dominante na mídia, como argumentado anteriormente.

Reproduzindo, assim, a dinâmica criada pelo diálogo entre título e subtítulo, a justaposição de enquadramentos, a forma oscilatória de caracterização da população textual (entre a funcionalização e a identificação), e as localizações contraditórias do leitor fornecem orientações contrastantes. Estas têm prosseguimento, como podemos observar nas linhas 07 a 10:

7 | *Mas, desde o fim do ano passado, quando a ONG de defesa dos animais Peta (People for the*
8 | *Ethical Treatment of Animals) deflagrou uma campanha contra a pesquisa, o cientista se viu alvo*
9 | *de uma torrente de insultos por parte de defensores de animais, militantes gays e cidadãos em geral*
10 | *- tudo isso baseado, garante Roselli e seus colegas, num bizarro erro de interpretação do trabalho.*

Em um movimento narrativo que poderia ser considerado como ação complicadora, o texto atribui agentividade a ONG Peta, a defensores de animais, a militantes gays e cidadãos em geral caracterizados por suas ações contra a pesquisa de Roselli. A escolha lexical – na verdade gestos avaliativos – que caracteriza as práticas desses atores como hostis (“uma torrente de insultos” e “bizarro erro de interpretação”) constrói o cientista como alvo e vítima de incompreensão geral. O enquadre pro-

posto parece ser crítico a reações de leigos contra estudos científicos, já que Roselli e seus colegas garantem que foram mal interpretados. Tal enquadramento, que sacode o leitor entre duas posições – contrária ou favorável ao desenvolvimento da pesquisa – é intensificado no parágrafo seguinte (cf. linhas 11 a 14):

11 | *A polêmica atingiu seu ápice no mês passado, quando o "Times", de Londres, publicou em sua*
12 | *edição dominical uma reportagem em que afirmava, erroneamente, que Roselli havia conseguido*
13 | *"curar" carneiros homossexuais com tratamentos a base de hormônio e acrescentava que alguns*
14 | *críticos temiam que o estudo abrisse caminho para por fim à homossexualidade entre seres*
humanos.

Trazendo outros aspectos da ação complicadora, este parágrafo, apesar de conter uma avaliação explícita sobre o erro cometido tanto pelos detratores do trabalho de Roselli quanto pelo jornal londrino (um outro ator personificado, caracterizado funcionalmente), faz circular um novo ângulo ou conseqüência prática do estudo científico debatido: o fato de que ele pode abrir caminho para a idéia de eugenia sexual. A ambigüidade dos posicionamentos disponibilizados se encontra aqui exacerbada. Além da proposta de uma visão crítica em relação ao "Times" que divulgou inverdades, o leitor se perde no seguinte dilema: Qual o foco da questão? A crítica à imprensa? O questionamento de uma perspectiva de cura para a homossexualidade? O fato de o estudo da sexualidade dos carneiros poder dar margem à idéia de eugenia sexual (idéia crítica presente no subtítulo)? A resposta não é clara, como podemos observar nos parágrafos entre as linhas 15 e 23:

15 | *Martina Navratilova, a tenista que é abertamente gay e militante da Peta, escreveu em carta*
16 | *aberta que a pesquisa seria uma tentativa "de envolver um tratamento pré-natal" para condições*
17 | *sexuais.*
18 | *A controvérsia se espalhou no universo dos blogs, com duros ataques a Roselli, a sua*
19 | *universidade e à Universidade do Estado de Oregon, também envolvida no estudo. A Peta lançou*
20 | *então uma campanha por e-mail que resultou, segundo as universidades, em 20 mil protestos,*
21 | *alguns deles bem pesados, como "vocês são assassinos de animais e deveriam ser mortos", "espero*
22 | *que vocês ardam no inferno" e ainda "por favor, morram".*

23 | *A cobertura da imprensa, mais maciça no Reino Unido e Austrália forçou a mão no tom jocoso e abusou de títulos como “Ele não é muito chegado numa ovelha”.*

A ampliação da população textual, apesar de desestabilizar o binarismo anteriormente apontado, exacerba o dilema, pois constrói dois enquadres críticos concomitantes tanto com relação à imprensa como também em relação à reação do público. A opção pelo discurso direto para introduzir as vozes de protesto unifica ações diferenciadas pulveriza a crítica em várias direções. A reflexão da conhecida tenista (identificada por sua sexualidade e militância), os protestos “pesados” menos refletidos e com forte carga emocional, cuja responsabilidade é atribuída à campanha da Peta, e “abusos” jocosos da mídia são colocados em um mesmo patamar; indiferenciados, parecem propor um quadro crítico acerca da “controvérsia” em geral, esvaziando seus efeitos e conseqüências éticas. A operação sensacionalista de seleção de opiniões exacerbadas e seu relato em discurso direto acabam por esvaziar o debate, ao disponibilizar para o leitor um posicionamento reativo ao próprio tema em questão, i.e., “muito barulho por nada”. Parece construir, assim, uma avaliação final da narrativa.

Entretanto, a continuação da reportagem propõe um re-enquadramento que complexifica a discussão. Podendo ser interpretada como o momento de resolução da narrativa, essa parte faz circular outros discursos que revestem a discussão de múltiplos matizes. Observemos as vozes abaixo, presentes em diferentes momentos dessa parte final do artigo, entre as linhas 24-40:

24 | *A resposta não tardou. Roselli, cuja pesquisa é apoiada pelo instituto Nacional de Saúde dos EUA e foi*
 25 | *publicada em revistas científicas, insiste que ele rejeita tanto quanto seus críticos a idéia de qualquer*
 26 | *tipo de eugenia sexual para seres humanos. Segundo ele, a sexualidade humana é um fenômeno complexo*
 27 | *que não pode ser resumido a determinadas interações entre a estrutura do cérebro e os hormônios.*
 28 | *Navratilova, que também recebeu uma resposta da universidade, disse que ainda não se convenceu.*
 29 | *“Quanto mais brincamos de Deus para alterar a natureza, mais danos causamos com essas*
 30 | *experiências que já se tornaram ou vão se tornar um verdadeiro pesadelo” ela escreveu em e-mail.*
 31 | *“Como carneiros gays ou hetero poderiam ajudar a salvar a Humanidade?”*
 32 | *Em entrevista, Shalin Gala, da Peta, reafirmou que controlar ou alterar a orientação sexual é uma*
 33 | *“implicação natural” do trabalho de Roselli. Gala, que pediu para ser citado como gay assumido, citou*

34 | os textos divulgados para a imprensa por ocasião da publicação de um estudo na "Endocrinology", em
35 | 2004, que apontam diferenças nas estruturas cerebrais de carneiros heterossexuais e homossexuais.
36 | O texto informa, em explicação atribuída a Roselli que o estudo levanta questões mais amplas que
37 | a compreensão do desenvolvimento e controle da motivação sexual e da seleção reprodutiva entre
38 | os mamíferos, incluindo os humanos". O autor do texto à imprensa, Jim Newman, garante que a
39 | palavra foi usada no contexto científico de "compreender os controles internos do organismo" e
40 | não no sentido de tentar controlar a orientação sexual.

Esse conjunto de parágrafos contém uma pluralidade de posições (do cientista Roselli, de dois militantes do Peta e de um jornalista) que, apresentando uma variedade de pontos de vista, chamam atenção, em seu conjunto, tanto para os efeitos éticos da produção de conhecimento assim como para as conseqüências de nossas escolhas retóricas (o caso do emprego da palavra "controle", por exemplo). Tais aspectos, que acrescentam outros ingredientes às visões consensuais sobre a sexualidade, podem configurar uma estratégia de contestação de discursos dominantes. Denominado de *complexificação* por Macgilchrist (2007), este recurso promove um tipo de re-enquadramento ao incorporar ao texto aspectos contraditórios e polêmicos do debate. Embora o processo de re-enquadramento aqui não chegue a ser radical, disponibiliza um leque de assunções que propiciam ao leitor localizar-se, pelo menos momentaneamente, em discursos não-convencionais, como, por exemplo, o de que a sexualidade humana não pode ser resumida a questões cerebrais e hormonais, posicionamento do próprio autor do estudo científico que opera uma diferenciação entre a sexualidade animal e a sexualidade humana. O movimento tem prosseguimento nos dois últimos parágrafos da matéria (entre as linhas 41 e 46):

41 | Professor de psiquiatria e membro do centro de Bioética da Universidade da Pennsylvania, Paul Root Wolpe
42 | diz que, embora apóie a pesquisa de Roselli, o cientista deixou uma brecha para a reação do público.
43 | Porque, prossegue Wolpe, se os mecanismos da orientação sexual podem ser identificados e manipu-
44 | lados, o argumento de que a orientação sexual é baseada na biologia, e portanto imutável, desaparece.
45 | Mas, acrescenta o especialista, a melhor forma de lidar com isso seria "tentar mudar as percepções da
46 | sociedade sobre o homossexualismo em vez de tentar deter estudos científicos sobre a sexualidade".

A coda narrativa encerrando a matéria com as palavras de um especialista em bioética pode ser interpretada como um re-enquadramento que redireciona a questão. O posicionamento de Wolpe desloca o ângulo do debate, convidando a sociedade ao abandono dos sentidos usuais de “polêmica”, “controvérsia”, “galhofa” ou “estigma” acerca da homossexualidade em favor de uma “mudança de percepções” que afastaria os atores sociais de tentativas de “deter estudos científicos sobre a sexualidade”. Essa cortina final disponibiliza para o leitor um posicionamento mais crítico, ao trazer um discurso que redefine as bases da discussão inicial, enquadrada pela metáfora guerreira, ao mesmo tempo em que a contradiz.

5. Considerações finais

Nossa análise ressaltou a coexistência de focos contrastantes em uma matéria jornalística propiciada por um diálogo entre diferentes enquadres. Estes, ao construírem uma narrativa plurivocal, entrecruzarem vozes e perspectivas e mesclarem sentidos dominantes e significados não consensuais, promovem uma série de reposicionamentos que lançam o leitor em diferentes direções, deslocando-o de um lugar confortável, claramente delimitado e delimitador de seus horizontes. Tais reposicionamentos o convidam a questionar o senso comum que é especialmente notório em relação à sexualidade – um campo da experiência humana tradicionalmente caracterizado por discursos cristalizados, homogeneizadores, preconceituosos, temerosos e amedrontadores. É neste território de convivência de sentidos conflitantes que o novo pode ser construído e que desconstruções podem ocorrer, pois os “ventos” semânticos inovadores que nele sopram podem, aos poucos, fraturar ou mesmo demolir as sólidas construções conceituais que nos encerram em espaços monológicos, possibilitando experimentar novos sentidos para o desejo.

O espaço narrativo que o texto analisado ocupa pode, portanto, colaborar na instauração de práticas discursivas que venham a desenhar outros futuros sociais mais plenos de alternativas para os modos sacramentados de se vivenciar o sentido do humano. Em tempos de compreensão da sexualidade como discursos que disponibilizam formas múltiplas de desejar o outro e da heterossexualidade e homossexualidade como invenções (KATZ, 1996 e PLUMER, 1981), discursos

mediáticos, que constroem horizontes minimamente desestabilizadores do binômio aprisionador homo-heterossexual, indicam outros caminhos a trilhar na expressão da sexualidade.

É interessante notar como o texto analisado utiliza discursos hegemônicos sobre a sexualidade assim como estratégias discursivas que enfatizam tal hegemonia, construindo, logo a seguir, deslocamentos de enquadres que possibilitam posicionamentos alternativos desarticuladores de visões tradicionais. Ou seja, o enquadre dominante de compreensão da sexualidade comporta visões marginais no senso comum que, ao oferecerem enquadres conflitantes, apresentam discursos matizados para aquilo que tradicionalmente é compreendido como muito claro, óbvio e sem alternativa: o binômio hetero-homo.

Na atualidade, momento em que uma série de significados sobre quem somos está sendo cotidianamente questionada tanto pelos movimentos e práticas sociais como por teorias de natureza socioconstrucionista – que têm chamado nossa atenção sobre como somos histórica e culturalmente construídos no discurso como homens e mulheres, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais, entre outras categorias da vida social –, a Análise Positiva do Discurso pode mostrar como tal produção começa a ocorrer em outras bases. Ao detectar discursos alternativos em ação na mídia e em outras instituições, a APD pode ser considerada um instrumento de análise sociodiscursiva indicadora tanto de como discursos aprisionadores estão sendo/podem ser desalojados, como da circulação de novos significados sobre quem podemos ser: uma tarefa primordial na re-invenção da vida social, afetiva e sexual.

ABSTRACT

The public emergence of the gay identity and culture has brought about an intense debate about sexualities in the media, which traditionally focuses on a physicalist approach, situating sexual desire and its expression in the biology of our bodies. Putting such a view under scrutiny by dislocating it to the socio-discursive domain, we aim at collaborating with the design of social futures in which sexualities are restricted neither to the homo-hetero dichotomy nor to physiological approaches. It is the concern with the production of new meanings which makes us look into media discursive practices through the articulation of deconstructivist actions (in hegemonic discursive practices) and positive actions (in innovative discursive practices) in Discourse Analysis (MARTIN, 2004). Associating these actions with Positioning Theory (DAVIES; HARRÉ, 1999) and Interactional Sociolinguistics categories (TANNEN; WALLAT, 1987/1998), we focus on an article about “gay sheep”, published in a Brazilian national daily. The analysis shows that by bringing about several voices and by creating room for different perspectives, the article is ambiguous in relation to the biological paradigm, allowing therefore for the questioning of the reductionist view of such an approach and for the inauguration of innovative meanings about sexuality.

KEY WORDS: Media discourse, Sexuality, Positive Discourse Analysis

REFERÊNCIAS

- HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard e BARBOSA, Regina. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.
- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeiras e fantasia. In B.T. & Garcez, P.M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1972/1998, p. 57-69.
- CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cad. Pagu*. Campinas, v. 28, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332007000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 July 2007. Pré-publicação.
- DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. Positioning: The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 20, n. 1, p. 43-63, 1990.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: A vontade de saber*. 14.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998/2001, p. 152.
- GRAVUSEVA, Lena. Positioning and framing: Constructing interactional asymmetry in employer-employee discourse. *Discourse Processes*, v. 20, p. 325-345, 1995.
- KATZ, Jonathan N. *The invention of heterosexuality*. New York: Plume, 1996, 291 p.
- LABOV, William; WALETZKY, Joshua. Narrative analysis: oral versions of personal experience. *Journal of Narrative and Life History*, v. 7, n. 1-3, p. 3-38, 1997/1967.
- MACGILCHRIST, Felicitas. Positive discourse analysis: contesting dominant discourses by reframing the issues. *CADAAD - Critical Approaches to Discourse Analysis Across Disciplines*, v. 1, n.1, p. 74-94, 2007.
- MARTIN, James R. Positive discourse analysis: solidarity and change. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, v. 49, p. 179-202, 2004.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. MOITA LOPES, L. P (Org.). *Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-38.
- PLUMMER, Kenneth. *The making of the modern homosexual*. Totowa, N.J.: Barnes and Noble, 1981, 290 p.
- RUMELHART, David E. Notes on a schema for stories. In D. G. Bobrow e A.

Collins (Eds.) *Representations and Understandings*. New York: Academic Press. 1975, p. 211-236.

TALBOT, Mary. The construction of gender in a teenage magazine. In Fairclough, N. (Ed.). *Critical Language Awareness*. New York: Addison Wesley Longman, 1996, p.174-200.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame / consulta médica. In Ribeiro, Branca T.; Garcez, Pedro M. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1987/1998, p. 120 -141.

Van LEEUWEN, Theo. The representation of social actors. In Caldas-Coulthard, C.R.; Coulthard, M. *Texts and Practices: readings in Critical Discourse Analysis*. New York: Routledge, 1996, p.32-70.

NOTAS

¹ É verdade que, em seu conhecido estudo, as autoras tratam apenas do discurso oral. Entretanto, julgamos que sua teorização pode ser estendida à totalidade dos processos interpretativos envolvendo interação com qualquer tipo de texto (oral, escrito, imagético etc.).

² Os títulos a seguir exemplificam essa tendência: “A favela se diverte: convidamos jovens fotógrafos de áreas carentes para registrar momentos de lazer em suas comunidades” (18/03/2007); “Pastores mirins: É cada vez maior o número de crianças que atuam como líderes de igrejas evangélicas” (27/05/2007); “Radio Atividade: conheça a estação Saara que toca muito anúncio e pouca música para cem mil pessoas por dia” (1/7/2007); “Do mar para a câmera: pescadora do Ceará vira diretora de vídeo em projeto que conta como vive o Brasil das pequenas cidades” (13/2/2005).

³ A título de exemplo, podemos citar “A nova diferença sexual: pesquisas genéticas revelam surpresas sobre a identidade dos sexos” (reportagem de capa em 27 de março de 2005) e “O sexo dos neurônios: estudo mostra que cérebro da mulher funciona de forma diferente do masculino” (reportagem da seção *Ciência e Vida* em 8 de outubro de 2006); “Homossexualismo no reino animal” (reportagem da seção *Biologia* em 29 de outubro de 2006).

⁴ Ilustram tal movimento os artigos, “Expulsos da baía: poluição por metal pesado reduz população dos últimos botos” (29/10/2006) e “Guardiões da mata: nas florestas do Rio vivem cães selvagens do Brasil, espécies em risco de extinção” (15/08/2004), entre outros.

⁵ Utilizamos o modelo desenvolvido por Labov e Waletzky (1967) em relação à

organização das narrativas: *resumo* (idéia geral), *orientação* (dados contextuais), *ações complicadoras* (enunciados apresentando elementos de complicação da ação), *avaliação* (explicitação da perspectiva em jogo), *resolução* (resultado das ações complicadoras) e *coda* (transposição do interlocutor do tempo da história para o tempo real). Embora, segundo os autores, nenhuma dessas partes seja obrigatória, as *ações complicadoras* e a *avaliação* seriam elementos essenciais à caracterização da narrativa.